

## Entre teoria e prática pedagógica no Ensino Fundamental

Experiências de estágio no ambiente escolar

---

Débora dos Santos Alves<sup>1</sup>

[dsa.lying@gmail.com](mailto:dsa.lying@gmail.com)

Viviane Cabral de Souza<sup>2</sup>

[vivianecabral75@gmail.com](mailto:vivianecabral75@gmail.com)

Sergio Athayde<sup>3</sup>

[s.athayde40@gmail.com](mailto:s.athayde40@gmail.com)

**Resumo:** O presente texto pretende narrar a experiência do estágio curricular de duas discentes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em uma escola de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Vitória – Espírito Santo, trabalhando com os anos finais dessa etapa. A partir do contexto, apresenta o espaço escolar à luz da leitura de Paulo Freire, as relações em sala de aula entre alunos, professor e estagiárias de ensino e aprendizagem, além de sua importância no encontro de saberes entre esses três sujeitos. Serão descritas experiências dentro e fora da sala de aula, levando em consideração as relações com os estudantes, a partir das nossas próprias experiências socioculturais. A metodologia utilizada foi a da observação participante de uma sequência de aulas de História dos anos finais do Ensino Fundamental, acompanhando o professor regente e finalmente houve a prática de ministrar uma aula, seguindo o plano de aula da turma selecionada. Com relação aos dados que foram levantados no estágio, foram feitas entrevistas, visita dos espaços escolares e conversas informais com alunos e profissionais da escola.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Estágio Curricular. Ensino de História. Experiência.

## Between theory and pedagogical practice in elementary school

Internship experiences in the school environment

---

**Abstract:** The present text intends to narrate the experience of the curricular internship of two students of the History Degree course, from the Federal University of Espírito Santo (UFES)

---

<sup>1</sup> Estudante de licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Estudante de licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Estudante de licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

in a Elementary School, located in the city of Vitória - ES, working with the final years of this stage. From the context, it presents the school space in the light of Paulo Freire's reading, the relationships in the classroom between students, teacher and teaching and learning interns, in addition to its importance in the encounter of knowledge between these three subjects. Experiences will be described inside and outside the classroom, taking into account the relationships with students, based on our own socio-cultural experiences. The methodology used was the participant observation of a sequence of History classes from the final years of Elementary School, accompanying the conducting teacher, and finally there was the practice of teaching a class, following the lesson plan of the selected class. Regarding the data that were collected during the internship, interviews were made, visits to school spaces, informal conversations with students and school professionals.

**Keywords:** Basic Education. Curricular Internship. History Teaching. Experience.

## 1 Introdução

O que se percebe com a experiência do Estágio é que o processo de ensino e aprendizagem ocorre além do espaço da sala de aula, sendo o ambiente escolar muito vivo e dinâmico. Além dos conteúdos curriculares, muitos projetos são trabalhados com os alunos, procurando dar uma formação mais ampla, numa proposta de escola cidadã.

Centrada em uma escola com recursos e estrutura satisfatória para experimentos, o estágio mostrou grande relevância na esfera de possibilidades de aprendizado da docência inicial. Dessa forma, identificar os pontos de construção no ambiente de estágio foi essencial, permitindo conhecer as peculiaridades de cada ano do fundamental e as possibilidades no Ensino de História, juntamente com o trato didático do professor responsável, favorecendo a adaptação e a liberdade em paralelo à ministração das aulas.

## 2 Características da escola

As experiências pedagógicas foram realizadas em uma escola localizada no bairro Jardim da Penha, no município de Vitória Estado do Espírito Santo (ES). Suas instalações diversas atendem um padrão distinto. São três pavimentos com acesso por escadas e elevador, 13 salas de aula, sala de professores, de planejamento pedagógico, de música, da direção, de coordenação, de equipe pedagógica, de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), banheiros dentro e fora do prédio, banheiros acessíveis a

alunos com deficiência ou com mobilidade reduzida, pátio coberto, refeitório, laboratório de ciências e de informática, biblioteca, secretaria, copiadora e auditório.

A escola conta com 118 funcionários, sendo o corpo docente do turno vespertino formado, majoritariamente, por efetivos. Esses professores têm acesso a recursos tais como: TV, impressora, fax, DVD, aparelho de som, câmera digital e filmadora, copiadora (uma funcionária é designada somente para essa função) e projetores multimídias. Possui uma equipe de vigilância terceirizada, além de um quadro de funcionários responsáveis pela limpeza, merenda escolar e serviços administrativos.

Na redondeza da escola, são encontrados supermercados, Unidade Básica de Saúde municipal (UBS), praia, comércios, escolas de idiomas e prédios residenciais; há oferta e circulação de ônibus municipais com um ponto de embarque na calçada da escola e faixa para pedestres. A escola possui cursos de Ensino Fundamental I e II, isto é, de 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano, nos períodos matutino e vespertino e Educação para Jovens e Adultos no período noturno.

### 3 Desenvolvimento do estágio

Fomos recebidas por professor efetivo, que é licenciado em História pela Universidade de Brasília (1992), pós-graduado em História Social do Brasil, pela Universidade Federal do Espírito Santo (2002) e em Tecnologias Educacionais, pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2018). Atualmente, é servidor público efetivo com dois vínculos no município de Vitória

Durante o estágio tivemos a oportunidade de acompanhar alguns projetos desenvolvidos pela escola. O professor de História e a professora de Artes apresentaram uma proposta de trabalhar com a valorização da pessoa idosa do município, tendo em vista a presença de ambos em capacitação de práticas e vivências geracional e proximidade da escola a centro de convivência para a terceira idade nos arredores da escola, vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) e a presença de muitos avós guardiões nas reuniões escolares. Tal projeto foi pensado tendo os 7º e 9º anos como participantes, cuja proposta, além da arrecadação de materiais de higiene e limpeza com entrega em uma instituição asilar voltada às pessoas idosas em novembro/2019, inclui pesquisa/entrevista/convivência com o público-alvo para a aprendizagem e interação por

meios das experiências e modos de vida, saberes e desejos, vivências com fins de apresentá-las às demais turmas da escola.

Acompanhamos também um projeto institucional, promovido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos, voltado para o público do 9º ano, cujo objetivo é fazer a documentação básica necessária para o estudante (carteira de trabalho, RG e CPF) e ofertar oficinas educativas. Assistimos filme de animação com temática sobre gênero, segurança no trânsito, educação ambiental e consumo consciente. Juntos – professor, estagiárias e alunos – participamos de palestra com enfermeira sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o que despertou a curiosidade de alunos e alunas com perguntas, intervenções e aprendizado, dito e ouvido com seriedade e problematizado pela profissional, que esclareceu dúvidas de maneira didática e acolhedora.

A escola possui duas salas de vídeo, que são utilizadas para complementar o aprendizado dos estudantes, com exibição de filmes, documentários, animações. Também esse espaço é utilizado para as apresentações de trabalhos dos alunos com recursos digitais, tais como exibição de vídeos feitos por alunos e uso do *Power Point*. Algumas reuniões do grêmio estudantil ocorrem nessas salas.

Essa organização estudantil é percebida como uma conquista por parte dos alunos, pois as opiniões sobre as prioridades discutidas em grupo eleito por voto direto dos colegas. Uma de suas realizações foi uma festa aberta aos pais e professores em um final de semana, para angariar fundos para passeio de formatura dos colegas do 9º ano.

Associada a essas iniciativas estudantis, é constante a parceria em atuação junto à pedagoga, coordenadora e diretor, com disponibilidade de escuta e resolução de conflitos. Assim,

[...] observamos a necessidade de superar o trabalho do diretor escolar como atividade técnica da gestão, atentando-se ao feito de que as questões mais técnicas estão intimamente conectadas às questões pedagógicas, e estas se conectam ao cotidiano da prática do diretor em contexto escolar (Tradução nossa) (GODOY *et al*, 2018, p. 388).

Nesse sentido, a relação administrativa precisa ser pensada entre todos os habitantes do espaço escolar, pois, na medida em que a escola possui uma gestão democrática, a inserção de outros sujeitos com as estagiárias favorece a relação de pertencimento dessas.

A princípio, acompanhamos, na maioria das vezes, as aulas dos oitavos anos. Nossa posição de estagiárias ficou bem clara, já que o professor nos apresentou a todas as turmas e

aos outros professores como graduandas em História. Esse fato evidenciou que a escola já está acostumada a receber estagiários da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e de outras instituições de ensino; por isso os alunos não mostraram estranhamento quanto à experiência de ter estagiárias na sala de aula.

Outra observação apontada é o modo como o professor administra o espaço da sala de aula. O professor não esperava pelo silêncio de uma turma de crianças e pré-adolescentes e raramente parava a aula para pedir que se calassem. Por ter uma potência de voz alta, muitas vezes, ficava num tom acima do tom de determinados alunos. Aqueles que, mesmo com a chamada de atenção, continuavam conversando, eram indagados, no intuito de responderem questionamentos. Paulo Freire em sua experiência na Guiné-Bissau no contexto de independência aborda a importância de momentos como esse, de “dizer sua palavra”, no qual:

[...] o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de “pronunciar” e de “nomear” o mundo. Dizer a palavra enquanto ter voz na transformação e recriação de sua sociedade. [...] (FREIRE, 1978, p. 145).

Ações como essa faziam que prestassem atenção e seguiam o raciocínio da aula; no entanto, em dados momentos debatiam com o professor de forma a dialogar sobre o tema, o que nos mostra que ações impositoras como gritar com os alunos poderiam surtir o efeito contrário, inclusive o desinteresse pela matéria.

### 3.1 Observação das turmas

Observar as turmas de ensino fundamental foi como um todo uma experiência muito enriquecedora, já que foi o primeiro contato com alunos nesse nível de ensino. A turma mais nova era a do 6º ano. A maioria de suas características pode ser identificada dentro da transição do fundamental I para o II quando identificamos aquele traço de curiosidade.

Tal curiosidade, independentemente da idade, é de fundamental importância para a produção do conhecimento, uma vez que, por exemplo, de acordo com Paulo Freire (1996), é necessário ter curiosidade para o exercício do conhecimento, de modo que não apenas reproduzamos, mas, junto aos/às estudantes, sejamos produtores de saberes.

De primeiro momento, o comportamento da turma pode causar susto, mas é importante absorver essas experiências para em um futuro haver uma adaptação às turmas de transição do fundamental I para o II, e desenvolver uma metodologia para trabalhar com

crianças que estão passando por essa fase da vida escolar, tal como o convite à participação que o professor fez, ao invés de gritar com a turma.

A turma do 7º ano aparentou gostar muito da matéria; mais que isso, os alunos gostavam muito do professor em especial, pois, atendiam aos questionamentos quando o professor indagava sobre o conteúdo. A importância dessa afetividade em um ambiente escolar é tratada por Paulo Freire como um dos pilares de uma educação dialógica, pois se “não há diálogo [...], se não há um profundo amor ao mundo e aos homens, não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]” (FREIRE, 1987, p. 79-80).

As turmas do 8º ano demonstravam um comportamento competitivo. O professor fazia muitas intervenções para que todos prestassem atenção. Ao mesmo tempo, alguns alunos mostravam-se insaciáveis por informações e pareciam pesquisar externamente sobre História. Essa curiosidade pode ser de grande valia em uma tentativa de implementação dos métodos não convencionais, extrapolando as fronteiras da sala de aula, o que para o ensino de História é um grande desafio: dar forma a pensamentos e conceitos abstratos em uma linguagem acessível aos alunos. Vale salientar que:

[...] a(s) configuração(ões) da(s) história(s) vivida(s) e ensinada(s) pelos professores, entre as quatro paredes da sala de aula e, também, fora dos limites dos territórios escolares, [...] bem como das histórias que os alunos aprendem nesses e noutros espaços, é bem mais complexa do que muitos supõem SILVA; FONSECA, 2010, p. 24).

Levando em consideração essa diversidade de fontes que os alunos têm acesso fora do espaço escolar, pensando o acesso ao mundo tecnológico e a realidade daqueles adolescentes, os memes, por exemplo, são ferramentas que uma vez utilizadas como ligação entre a realidade e cotidiano desses indivíduos podem despertar a sensação de prazer no aprendizado (LAMARÃO, 2019). Infelizmente, o tempo não nos permitiu essa experiência, mas a possibilidade em um futuro próximo de inserir novas estratégias estava presente.

No 8º ano, as atividades eram quase sempre direcionadas para se fazer em sala de aula e sob orientação do professor. Isso se deve à observação dele sobre a turma. Se não houvesse intervenção dele em colocar no quadro as respostas das questões, provavelmente mais da metade dos alunos não teria feito sozinha em casa.

O curioso é que, quando perguntados em forma oral, os alunos não tardavam em responder de forma elaborada. Ao mesmo tempo que mostravam ser uma turma dependente

do professor para cumprir requisitos avaliativos (atividades no caderno), mas emancipada em procurar informações sem que o professor pedisse.

Isso ficou claro quando houve o monitoramento de uma atividade. Um aluno questionou sobre o conflito do Irã com os Estados Unidos da América (EUA) e a disputa geopolítica do Oriente Médio. A conversa durou quase dez minutos, cujo professor trazia informações que requeriam um nível de pesquisa que não estava no livro didático. Mas, quando questionado sobre terminar a atividade, o garoto sorriu e voltou para o seu lugar. Menos de um minuto depois, ele estava em pé brincando com seus colegas.

O 8ºB demonstrava mais autonomia em cumprir as atividades sem a mediação do professor, mas aparentava uma maior apatia pela matéria. Uma de nós escolheu os oitavos anos para realizar as aulas obrigatórias do estágio, por ter afinidade com o conteúdo trabalhado naquele momento, que era Segundo Reinado e, por ser a única série do ensino fundamental com duas turmas, assim seria possível aproveitar a mesma aula em dois horários e realizar uma autoavaliação.

Enquanto docentes, precisamos identificar que “a verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da *‘práxis’* constitutiva do mundo humano” (FREIRE, 1989, p. 15), ou seja, é de extrema importância ter esse entrosamento entre teoria e prática, pois é a chave para a transformação de realidades, de ambos os lados, em uma educação dialógica.

### 3.2 Estágio regência

Optamos por não utilizar recursos audiovisuais e seguir a linha que o professor deles usava na maioria dos casos: quadro e tópicos. Levando em consideração que os oitavos anos demonstravam ser turmas agitadas se não houvesse interferência do regente, houve um detalhamento dos tópicos de maneira mais rápida possível, levando em consideração as características da turma.

Entretanto, as duas turmas ficaram em silêncio quase que absoluto durante os 50 minutos da aula. Talvez, isso se deva ao estranhamento ou a presença dos dois professores, o responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado na UFES e o professor da turma, mas pode-se dizer que isso não atrapalhou a aula. Porém, acreditamos que, se houvesse mais aulas para aquelas duas turmas, o comportamento iria mudar de acordo com o tempo em que eles fossem se acostumando com outro regente.

Tentamos usar uma linguagem mais informal para atingir a eles de maneira que se sentissem à vontade para participar. Esse movimento contribuiu para que trouxessem questões importantes a serem levantadas, como as mudanças que a República trouxe e como a participação popular fez parte de todo movimento de queda da Monarquia.

No 8º ano C, essas questões foram levantadas com mais ênfase, e nos deparamos com alguns alunos que idealizavam a era do Império brasileiro e a figura de Pedro II como melhores que a República brasileira, e se tivéssemos mais tempo seria bom destrinchar esses pensamentos.

Fica evidente, como destacado, o quão interessados em História e como eles buscam informações além do professor, explicitando a importância inclusive na educação básica para que estudantes e professores se entendam como produtores de conhecimento. Foi pedido que também fosse iniciada a explicação sobre o movimento de 15 de novembro de 1889, que foi a Proclamação da República. Uma sugestão do livro deles sobre os *bestializados* e a leitura de José Murilo de Carvalho foi utilizada como ponto de reflexão, trazendo a discussão para a atualidade e a participação popular nos movimentos políticos brasileiros.

Em destaque, a figura do Exército brasileiro desde então como um interventor e responsável pela ordem do Estado, quase como um substituto do Poder Moderador. Quando uma aluna do 8ºB levantou um questionamento do porquê mulheres não poderem votar antes e depois da Monarquia, demonstrou que a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2001) faz-se importante para entender a escola básica também como produtora de conhecimento, contribuindo para uma inserção social pelo conteúdo histórico. Mesmo que poucos tivessem oralizado suas dúvidas, o retorno do aprendizado foi perceptível. E esse aprendizado foi de ambas as partes, assim como Paulo Freire observa:

alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender (FREIRE, 1997, p. 19).

Talvez, se aquela aluna não pusesse sua dúvida à tona, não pensaríamos naquele momento na Proclamação da República por meio de um conflito de gênero, das mudanças sociais para as mulheres, além das fronteiras raciais que geralmente são evocadas quando se pensa: o que mudou da Monarquia para a República?

Resumidamente, a aula nas duas turmas despertou satisfação com os resultados, pelo menos com a parte expositiva. Não foi o caso das atividades passadas para casa. A pedido do professor, dois exercícios de fixação do conteúdo foram elaborados. O primeiro pedia apenas que as lacunas com as palavras-chave fossem preenchidas, que acreditamos poder ser resolvido com uma breve leitura dos tópicos passados no quadro, ou até mesmo só com a explicação oral realizada em sala. O segundo pedia para se produzir um pequeno texto, no máximo dez linhas, sobre a questão dos bestializados e a participação popular. A expectativa era de que todos fariam. Na aula seguinte, o *feedback*: poucos fizeram, e aqueles que conseguiram concluir deixaram de fora a questão que tinham que dissertar ou não responderam o que foi pedido.

O questionamento pairou sobre a explicação: foi mal elaborada? Poderia ter sido feita de forma que eles entendessem com maior facilidade? Apesar disso, não teria como deixar de lado o comportamento da turma em relação às atividades em outros momentos, quando também havíamos solicitado exercícios para casa, e os alunos retornaram sem fazer. Sendo dessa forma, também levantamos hipóteses do tempo fora da escola, dentro do círculo familiar.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 100) analisam as diversas conceituações de família sem, contudo, perder de vista o olhar jurídico-constitucional que identifica na cultura as diversas maneiras de se compor uma família biológica ou não, sendo privilegiados os laços de afeto que unem a forma de parentesco.

As autoras, Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 102) pontam dificuldades criadas pela escola-instituição ao deparar-se com modelos de famílias consideradas atípicos para os moldes socialmente aceitos. Assim, ganha status natural a crença de que uma boa dinâmica familiar é responsável pelo bom desempenho do aluno.

Nossas experiências no campo de estágio são um reflexo dessas realidades. Distantes da academia, o debate família e escola é esvaecido sem contato com alunos das séries iniciais de diversas origens, restando-nos pontuais encontros com as famílias e suas particularidades, quase sempre em contextos mediados pelas cobranças ou de festividades.

## 4 Considerações finais

Dada as expostas experiências, foi possível identificar as práticas e desafios vividos no ambiente escolar e, a partir disso, traçar paralelos teóricos com o Ensino de História, levando em consideração o lugar, construção cultural e histórica dos indivíduos observados nessa vivência.

Analisar aspectos culturais, sociais e econômicos nos permitiu identificar como o meio pode alterar o modo de como se ensina/aprende, tendo em mente que a educação ainda tem muitos obstáculos a ultrapassar. Independente, as reflexões giram em torno de uma experiência ímpar de aprendizado para formação como professoras. A maioria dessas ponderações deve ao nosso principal objeto de observação participante, que foram os alunos e suas interações; o professor, com suas estratégias e práticas; e pela própria figura como estagiárias.

De tudo, participar de eventos internos da escola que envolviam uma multidisciplinaridade possibilitou a visão de uma profissão voltada não só ao espaço de quatro paredes em uma sala de aula, mas nos exteriores e nas capacidades diversas em um método dialógico (FREIRE, 1997). Tendo em mente que a formação de professores é algo contínuo e suscetível a constantes mudanças, esse texto procurou demonstrar que tal profissão pode ter que lidar com diversos cenários e cabe a esse profissional analisar as práticas diante dos distintos cenários, principalmente respeitando as diferenças que revestem seus alunos e cotidianos.

## Referências

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GODOY, Ellis Regina dos Santos; JUÁREZ, Alma de Los Ángeles Cruz. SOBRINHO, Rinaldo Celio. EL trabajo del director escolar en el contexto de las políticas de Educación

Especial en el municipio de Xalapa/VER. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 106, p. 373-390, set./dez. 2018.

LAMARÃO, Luisa Quarti. O uso de memes nas aulas de História. **REVISTA PERIFERIA**, V. 11, N. 1, JAN./ABR. 2019.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]., v. 27, n. 1, 2010. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 abr. 2020.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Márcia Cristina Araújo Lustosa; CRUZ, Valmira Maria de Amariz Coelho; SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201882010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882010000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 28 abr. 2020.

#### **COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT**

ALVES, Débora dos Santos; SOUZA, Viviane Cabral de; ATHAYDE, Sergio. Entre teoria e prática pedagógica no Ensino Fundamental: experiências de estágio no ambiente escolar. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 26, n. 2, p. 31-41, jul./dez. 2020.